

esquecida

série casa da noite – outro mundo – livro três

p. c. cast + kristin cast

Tradução de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para a minha boa amiga Bridget Pilloud,
que me iluminou em plenas trevas.
Obrigada, minha amiga.*



PRÓLOGO

Era uma vez, há muito, muito tempo, quando existia apenas a Energia Divina do universo. A Energia não era boa nem má, luz ou escuridão, masculina ou feminina — simplesmente existia, um turbilhão de possibilidades, colisões, adesão e crescimento. Conforme a Energia crescia, evoluía. Conforme evoluía, criava.

A Energia começou por criar os muitos reinos do Outro Mundo, preenchendo-os com beleza e magia. Aqueles reinos incríveis inspiraram mais criações. Do ventre de cada um dos reinos do Outro Mundo nasceram grandes sistemas solares, reflexos tangíveis da Magia Antiga do Outro Mundo preenchidos com inúmeros corpos celestes. A Energia dividiu-se e evoluiu, refletindo os aspetos infinitos do Divino. Parte da Energia deu-se por satisfeita e repousou, existindo eternamente numa órbita rodopiante de estrelas, luas, sóis e belos, mas vazios, planetas.

Parte da Energia destruiu as suas criações, mais grata consigo mesma do que com as possibilidades.

E parte da Energia continuou a mudar, a evoluir e a *criar*.

No Reino do Outro Mundo, a Energia Divina era particularmente inquieta e precoce porque desejou companhia. Então, a partir da magnificência que era o Outro Mundo, o Divino moldou seres fabulosos. A seguir, soprou vida imortal para os seres e assim nasceram as deusas, os deuses e os espíritos que compõem as muitas espécies mágikas conhecidas por fadas. O Divino concedeu aos deuses e deusas o domínio sobre todos

os reinos do Outro Mundo e incumbiu as fadas de serem suas servas e ajudantes.

Muitos desses seres imortais espalharam-se pelos infindáveis reinos do Outro Mundo para não mais voltarem, mas, para os que permaneceram nos seus locais de nascimento, o Divino tinha uma oferenda. Foi-lhes dado um domínio adicional sobre todos os outros imortais, o da administração de um planeta espetacular no seu sistema e em todos os seus mundos espelhados — um planeta que intrigava a Energia Divina por refletir a beleza esmeralda e azul-celeste do Outro Mundo. O Divino deu ao planeta o nome Terra.

O Divino adorava a Terra, de tal forma que afagou a superfície da Terra e tornou-se seu amante. Mas não é possível conter a Energia, e esta acabou por sair da Terra, mas não sem antes conceder à sua amada Terra o dom mais precioso do Divino — a magia que é o poder da criação.

A jovem Terra, fértil e curiosa, começou a criar.

As deusas e os deuses ficaram intrigados com a Terra e as suas imagens espelhadas. Eles e as suas fadas eram visitas frequentes, e a Terra acolheu os imortais, filhos do adorado Divino. Adorou-os de tal modo que se inspirou para conceber uma criação muito especial. Do seu peito, formou e soprou vida a seres que moldou à imagem das próprias deusas e deuses, chamando-lhes humanos. Apesar de a Mãe Terra não poder conceder a imortalidade aos seus filhos — era um dom que apenas podia ser concedido pela Energia Divina —, colocou dentro de cada um deles uma centelha da Divindade que foi partilhada com ela, assegurando que, apesar de os seus corpos deverem sempre regressar à terra de onde foram feitos, a sua consciência permaneceria eterna em forma de espírito, para poderem renascer vezes sem conta na Mãe Terra.

Criados à sua imagem, os filhos da Terra encantaram deusas e deuses e os imortais juraram tomar conta deles quando acontecesse o inevitável e os seus corpos mortais morressem.

Tudo correu bem ao longo de muitas gerações, com os humanos a prosperar e a multiplicarem-se. Eram gratos à Mãe Terra, com cada uma das culturas a considerá-la sagrada. As deusas e os deuses visitavam com frequência os filhos, com os humanos a venerá-los enquanto Divinos.

Bastante satisfeita, a Mãe Terra recolheu-se dentro de si mesma para repousar face à tensão da criação. Quando despertou, eras mais tarde, buscou os filhos do Divino e mal deu pela presença deles. Preocupada, a Mãe Terra chamou o Ar, ordenando ao elemento que enviasse uma mensagem ao Outro Mundo, pedindo aos filhos da sua amada que recordassem o seu voto e voltassem para junto dela.

Apenas um imortal respondeu. A Deusa Nyx, nas suas muitas formas, permanecera genuína e fiel, mesmo depois de os seus irmãos e irmãs se terem entediado e inquietado, desertando da Terra.

A Mãe Terra ficou comovida com a fidelidade de Nyx. Grata pela sua lealdade, a Mãe Terra entregou a Nyx o domínio sobre os cinco elementos e ofereceu à jovem Deusa o desejo do seu coração — dois seres especialmente criados para ela.

O primeiro dos imortais alados foi o filho da Mãe Terra e da Lua, concebido para ser o guerreiro e o amante de Nyx. A Terra deu-lhe o nome de Kalona e dotou-o de asas prateadas e brancas.

Seguiu-se o irmão de Kalona, criado da união da Terra e do Sol para ser o parceiro de brincadeiras e amigo de Nyx. A Terra deu-lhe o nome de Erebus e atribuiu-lhe asas douradas.

Para testar a força, a inteligência e a lealdade das suas novas criações, e para ter a certeza de que mereciam ser companheiros da sua preciosa Nyx, a Mãe Terra concebeu três testes que os irmãos teriam de ultrapassar antes de se juntarem à sua Deusa no Outro Mundo.

Num dos reinos da Mãe Terra, Kalona enfureceu devido aos ciúmes durante o processo de teste, compreendendo mal o relacionamento do seu irmão dourado com Nyx, e o imortal alado permitiu que a Escuridão lhe maculasse o espírito de tal forma que nem sequer o amor da Deusa o pôde salvar.

Mas por via dos erros ciumentos de Kalona, e da violência que causaram, surgiu a criação dos filhos mais especiais de Nyx, os seus vampiros. O dia da sua criação foi de tal forma trágico para Nyx que a Deusa levou Kalona e Erebus a jurar que nunca falariam sobre os acontecimentos daquele dia. A nossa jovem Deusa não compreendeu na altura que, ao silenciar a verdade, punha em curso uma série de acontecimentos desastrosos. Apesar de Erebus e Nyx terem tentado curar o espírito de Kalona — tentando levá-lo a compreender que a fúria e a inveja geravam apenas desespero e desastre —, Kalona recusou-se a acalmar. Então, para salvar o Outro Mundo da Escuridão invasora, Nyx baniu Kalona do seu reino, destruindo o seu próprio coração. Quando ele Caiu na Terra — ao tombar no seu exílio —, a cor das suas asas passou de prateado a preto.

Na sua dor e fúria de ter sido separado da sua Deusa, Kalona deixou-se consumir por completo pela Escuridão. Aterrorizou os filhos humanos de Nyx até que as Mulheres Sábias do povo cherokee criaram uma dama para atrair Kalona a uma armadilha, onde a Mãe Terra o aprisionou ao longo de

décadas até a Sumo-Sacerdotisa vampyra Neferet, outra seguidora caída de Nyx, o libertar.

Apesar de Kalona acabar por evoluir o suficiente para merecer o perdão de Nyx e poder voltar para junto da sua Deusa como seu Consorte no Outro Mundo, deixou no seu passado um rasto de violência, destruição e desespero que o assombrariam para a eternidade.

Mas, e se...?

O que teria acontecido se Erebus de alguma maneira tivesse chegado à fala com o seu irmão? E se Erebus tivesse faltado à palavra a Nyx e falasse com o seu irmão sobre os acontecimentos que os mudaram de forma tão trágica? E se o próprio sacrifício do juramento dele, e algo muito, muito mais profundo, conseguisse levar Kalona a compreender que não era necessário sentir ciúmes e ira?

E se Kalona das Asas Prateadas nunca tivesse Caído?

Bem, queridos leitores, num reino espelhado da Mãe Terra foi exatamente isso que aconteceu. Virem a página e conheçam a escolha de Erebus. Uma escolha que o salvou, ao irmão e, em última instância, a dois mundos.



Reino de Nyx
NO OUTRO MUNDO



PRIMEIRO CAPÍTULO

Outro Erebus

Erebus não aguentava ver Nyx sofrer — em especial por começar a acreditar cada vez mais que tudo fora provocado por um simples mal-entendido. *Seria tão fácil consertar isto se pudéssemos simplesmente explicar a Kalona que ele percebeu mal o que testemunhou.* O imortal de asas douradas ponderou em silêncio junto à entrada em arco que dava para os aposentos de Nyx. Lá dentro, a Deusa encontrava-se letargicamente sentada à varanda, olhando para o lago cristalino que, de tão azul, magoava os olhos de Erebus se lá os pousasse por demasiado tempo. Fadas da água entretinham-se nas ondas, fazendo piruetas, rodopios e mergulhos impossíveis enquanto tentavam divertir a sua Deusa, e apesar de cintilarem como joias preciosas, Nyx mal olhava para elas. Encostou-se para trás numa chaise-longue que parecia uma nuvem, observando a beleza do Outro Mundo, mas nada vendo além da sua própria tristeza.

Erebus não se surpreendeu. Ele vira as asas cor de luar do irmão cintilar ao voar para longe da varanda da Deusa. O olhar sombrio do rosto de Kalona e a melancolia de Nyx revelaram a Erebus tudo o que necessitava de fazer.

— Manhã abençoada, Deusa! — saudou-a Erebus ao entrar nos aposentos dela.

Ao escutar o som da voz dele, Nyx endireitou-se na cadeira e alisou para trás a sua massa escura e espessa de caracóis, virando-se com um sorriso para Erebus, apesar de o imortal alado ter visto que o sorriso adorável da Deusa não se estendia ao olhar.

Hoje, ela optara por aparecer com a pele da cor da terra fértil que tanto adorava. Usava uma seda pura da cor do sol poente que sedutoramente cobria o seu corpo atlético. Em volta do seu pescoço acumulavam-se fios e fios de contas *bordeaux* que cintilavam magikamente como se guardassem segredos.

— Manhã abençoada, meu Erebus — cumprimentou-o Nyx, enquanto ele se curvava para lhe beijar a bochecha macia.

— Ah, tu hoje estás linda, Oya! Vamos visitar os felinos da Terra a que chamas Gatos Dourados, ou simplesmente vais voltar a correr com os antílopes? — Ele brincou com um dos caracóis macios dela.

— Conheces-me tão bem, querido Erebus. Não te enganas. Pensei em visitar o Rio Níger e talvez brincar com os meus Gatos Dourados antes de correr com um antílope. — O olhar dela deslizou de Erebus para cima da varanda, bem lá para cima enquanto buscava obviamente um vislumbre de asas de luar e olhos apaixonados ambarinos.

— Tu e o Kalona voltaram a discutir? — questionou Erebus suavemente enquanto se sentava ao lado de Nyx.

— Já sabes a resposta a essa pergunta, meu amigo — disse a Deusa.

— O que foi desta vez?

Ela suspirou.

— Mencionei os Gatos Dourados.

— Ah, os ciúmes dele. Outra vez. — Erebus apresentara a Nyx os felinos selvagens que tanto a haviam deleitado e oferecera à primeira dama vampyra alguma vez criada uma versão magikamente domesticada desses gatinhos, conquistando o sincero agradecimento da Deusa. Desde esse dia, Kalona passara a odiar uma menção que fosse a felinos.

Nyx assentiu numa concordância fatigada.

— Outra vez. — A seguir, sacudiu para atrás a sua massa ébano de caracóis e acenou com desdém para o céu, dizendo: — Não interessa. Eu e tu vamos divertir-nos com os Gatos Dourados e correr com um antílope. Vamos ter um dia maravilhoso. Talvez visitemos uma das tribos que estima a imagem de Oya e eu invoque a água para que abençoe as plantações deles. Isso vai gerar uma alegre celebração.

— Sem dúvida que vai, e acho que é uma bela ideia. O teu povo vai sentir-se grato. — Erebus fez uma pausa e pegou nas mãos dela. — Mas, antes de irmos, por favor fala comigo. Não tens de suportar sozinha a tua tristeza.

Nyx fitou-o nos olhos.

— Falar disso faz com que pareça uma donzela ingénua a ansiar... — As palavras dela soçobraram quando voltou a erguer o olhar.

— A ansiar pela Lua? — sugeriu Erebus.

O olhar melancólico dela voltou a focar-se no dele.

— Penso que não terei de falar disso para ser a donzela ansiosa. Conheces-me, meu amigo. E assim conheces a minha tristeza. Peço desculpa.

Ele segurou a mão dela com gentileza.

— Não tens nada por que pedir desculpa.

— Tenho, sim. De certa forma causei...

— Minha Deusa, perdoa-me, mas tenho de te interromper. *Tu* nada causeste. Posso falar com sinceridade?

— Claro.

Numa torrente de palavras, Erebus contou-lhe o que mantivera calado por muito tempo.

— Não provocaste os ciúmes do Kalona. Eu não provoquei os ciúmes do Kalona. Nem gerámos a ira que ferve dentro dele e... — Erebus fez uma pausa, subitamente sem saber ao certo se deveria falar com tanta franqueza à sua Deusa.

— Ferve dentro dele e o quê? Dei-te permissão para dizeres o que te vai na cabeça, Erebus. Por favor, fá-lo — ordenou a Deusa.

— E destrói a capacidade dele para amar — disse Erebus vagarosamente e de forma vincada, percebendo naquele momento como eram genuínas as suas palavras. Kalona deveria sentir-se absolutamente grato por viver na eternidade como Consorte de Nyx. Fora criado para ser seu guerreiro e amante, mas, a cada dia, parecia que o imortal alado se revelava cada vez mais distante e zangado — sempre zangado. Se não mudasse algo em breve, a ira de Kalona acabaria efetivamente com tudo nele que havia de Luz, incluindo a capacidade para amar.

Nyx levantou-se de repente, afastando a sua mão da dele. Avançou até à beira da varanda. Erebus seguiu-a.

— Perdoa-me — disse ele.

Ela abanou a cabeça.

— Acho que tu e eu temos de parar de pedir desculpa um ao outro por causa do teu irmão. Ele não está aqui, raramente está, mas a ira dele permanece presente, e acredito que se deve ao facto de tu e eu andarmos a pedir desculpa pelas feridas que ele causa sem abordarmos o assunto.

— Então, falemos disso. Fui criado para ser teu amigo. Deixa-me partilhar esta tristeza contigo... enquanto amigo.

— Erebus, nos últimos tempos pensei com frequência se... — As palavras dela esmoreceram enquanto fitava o céu com tristeza.

— Se o quê, minha Deusa, minha amiga?

Nyx voltou-se para Erebus.

— Tenho andado a pensar que talvez o Kalona tenha sido criado com defeito.

— Vais ter de explicar melhor — disse Erebus.

— Ele estava destinado a ser meu guerreiro e amante. Talvez não lhe tenha sido dada a alegria inerente que a ti foi dada como companheiro de brincadeiras e amigo. É-te tão fácil alegrares-te... tão natural. É uma das coisas que mais adoro em ti.

Erebus inspirou fundo e libertou vagarosamente o ar antes de falar, escolhendo as palavras com cuidado.

— A alegria não é fácil nem intrínseca. É uma escolha e nem sempre fácil... pelo menos de início. Quis retaliar contra o sarcasmo e a raiva do Kalona e com a maldade resmungona em geral, mas *optei* por não o fazer. Portanto, não entendo onde queres chegar. Fomos criados para preencher propósitos diferentes e, apesar de sermos irmãos, é evidente que somos distintos.

— Tu não tens a raiva dele. Nunca tiveste. Nem o desespero — disse a Deusa. — A raiva dele espanta-me, mas é a tristeza do Kalona que me atormenta o coração. — Nyx inclinou a cabeça, observando Erebus. — Tu também ainda o amas.

Não lhe deu a forma de uma pergunta, mas Erebus respondeu:

— Sim. Amo-o. Agora, mostra-se quase sempre taciturno e inacessível, mas nem sempre foi assim. Quando a Mãe Terra nos criou, o Kalona era carancudo e o seu sentido de humor tendia a ser muito sombrio, mas por norma conseguia pôr de parte o ciúme que começava a sentir por minha causa. E quando aqui chegámos ao magnífico Outro Mundo, eu e ele passávamos os dias juntos a pescar ou simplesmente a passear pelos nossos pomares e a conversar sobre as tolices dos humanos ou sobre como eram estranhos alguns dos seus animais. Alguma vez viste uma criatura chamada papa-formigas? Ou um peixe-balão?

A testa macia da Deusa enrugou-se.

— Não.

— Bem, eu e o Kalona vimo-los. Divertíamo-nos a observá-los. Rimo-nos juntos. — Erebus abanou a cabeça. — Bons tempos. Quem me dera que nunca tivessem acabado.

— Também sentes saudades dele.

— Tenho saudades de quem ele era, e do Consorte e irmão que poderia

ter optado por vir a ser. Agora, quando não está cá, não sinto a falta dele. De todo — disse Erebus com firmeza.

— Percebo exatamente o que queres dizer. Também o amo, mas começo a crer, pela primeira vez na minha existência eterna, que poderá não bastar amá-lo.

— Oh, minha Deusa! Não! Não suporto sequer pensar que te podes ter tornado cínica... que podes ter virado costas ao amor.

— Não viro costas ao amor em geral... não pelos meus filhos terrenos, nem por ti. Mas o Kalona foi criado para ser o meu amor, portanto, se não consegue amar-me, então temo, talvez, que não seja suposto eu ter um Consorte. — Ela voltou a olhar para o céu. — E se o Kalona continua a rejeitar tudo o que lhe é oferecido aqui... — A Deusa abarcou com um gesto o cintilante Outro Mundo, o seu palácio de maravilhas e, por fim, a si própria. — Então, tenho de ponderar se este deve ser ou não o seu lar. A Mãe Terra avisou que a Escuridão estava a tomar este lugar através da ira do Kalona e não quero o meu Outro Mundo, nem eu própria, maculados pelo mal.

Erebus inspirou profundamente, como que a preparar-se para saltar da varanda e mergulhar no lago cristalino sem fundo diante deles. A seguir, falou rapidamente, antes que as suas palavras se detivessem por si.

— Talvez devamos conversar sobre isso. Talvez devamos explicar ao meu irmão que se enganou no que toca ao que viu naquele dia... no que assumiu desde a noite em que...

— Não! — A contenção de Nyx alterou-se. Os seus olhos cintilaram de raiva e a sua voz abalou o palácio em redor deles. Agarrou a mão de Erebus e puxou-o da varanda para o seu quarto e para longe dos olhos intrometidos e dos ouvidos atentos das fadas. — Tu juraste-me! Se falarmos do que se passou naquele dia, as fadas vão acabar por nos ouvir. Sabes como elas são! Os mexericos delas vão espalhar-se até à Terra e os meus filhos, os meus vampyros, vão ficar a saber. Não vou permitir que os meus preciosos filhos da noite saibam que nasceram da tragédia. Os humanos já os vilipendiam por serem diferentes, especiais, *espetaculares*. Devastaria os meus filhos que habitam a noite saberem que o seu início foi um acidente sangrento que corrigi para os criar.

— Mesmo que o teu silêncio te destroce o coração?

— Sou uma deusa. É frequente que os meus filhos me destroçam o coração.

— Os teus filhos, sim. Espera-se isso de um jovem e mortal, mas não me referia a eles. Referia-me ao teu amante, ao teu guerreiro, ao teu verdadeiro...

Nyx encostou um dedo aos lábios dele.

— Sei a quem te referes e a minha resposta é a mesma. Já me conheces suficientemente bem para compreenderes que não sou instável nem dada a manias volúveis. Pedi o teu juramento de silêncio e vou manter esse pedido... com o coração destroçado ou não.

Erebus curvou a cabeça.

— Não pretendi desrespeitar-te.

Nyx segurou a mão dele nas suas.

— Oh, Erebus, eu sei disso. És o meu verdadeiro amigo e iluminas os meus dias com a luz do teu pai, o Sol. Ignora a minha melancolia. Estou a ser estupidamente complacente. Hoje, vamos esquecer o Kalona e a sua tristeza. Já que o teu irmão decidiu não me acompanhar à Terra, dás-me essa honra?

Erebus sorriu.

— Vamos competir com os antílopes?

— Com quantos quiseres, mas aviso-te já... não tenciono perder! — Nyx levantou-se e bateu com as palmas das mãos, desaparecendo numa chuva de pó de diamante.

Erebus seguiu a sua Deusa, mas mais devagar, como se carregasse pensamentos e decisões pesados — porque, na verdade, assim era. Pois era o dia em que decidira que não poderia permanecer calado, mesmo que as suas palavras lhe custassem a amizade e o amor de Nyx.

Não aguento vê-los partirem o coração um ao outro para a eternidade. Tenho de pôr um fim a isto e as próprias palavras de Nyx deram-me uma ideia — uma ténue esperança. Vou ajudar o meu irmão a compreender a verdade e a conhecer a alegria. Se isso me condenar — que assim seja.



SEGUNDO CAPÍTULO

Outro Erebus

No dia seguinte, enquanto Nyx visitava a Grécia na forma de Demetra para presidir aos anuais Ritos de Elêusis, Erebus entrou em ação. Erebus não sentiu dificuldade em encontrar Kalona. Eram irmãos, criados juntos pela Mãe Terra e unidos por sangue e espírito. Erebus tinha apenas de se concentrar e obteria uma imagem do irmão, onde quer que ele se encontrasse neste reino. Pensava com frequência se o seu irmão tocado pela Lua alguma vez usara a ligação deles. Mas Erebus não lhe perguntaria. Não queria ouvir que sim, Kalona usava a ligação deles... para se manter longe de Erebus.

Neste dia, Erebus foi atraído a Kalona num dos mais distantes pomares de Nyx no Outro Mundo. O pomar não era particularmente grande e, apesar de ser suficientemente belo para não parecer deslocado no reino de Nyx, também não era refinadamente elaborado como os lugares onde Nyx por norma optava por passar o seu tempo.

Erebus entrou no pomar, curvando-se sob galhos baixos de espinheiros-brancos e sorveiras-brancas. Uma luz pálida trespassava a cobertura enquanto avançava, contornando os rochedos cintilantes com cristais embutidos. Kalona encontrava-se sentado num desses rochedos de mármore. O tapete de musgo verdejante acariciava-lhe as pernas enquanto em silêncio talhava um pau comprido e estreito.

— Meu irmão! Não sabia que gostavas de talhar. — Erebus deu-lhe uma palmada no ombro e sentou-se num pedregulho diante de Kalona.

Kalona mal olhou para ele.

— Mantém-me as mãos e a cabeça ocupadas.

— O que estás a talhar?

— Setas.

Erebus riu-se.

— E não podes conjurá-las?

— Posso, mas prefiro não o fazer. Como já disse... isto mantém-me as mãos e a cabeça ocupadas. — Finalmente, olhou para Erebus. — O que te traz aqui?

— Queria conversar. O que fazes *tu* aqui? O palácio da Nyx é muito mais agradável.

— O palácio da Nyx também tem muito mais gente. — Kalona lançou um olhar acutilante ao irmão. — Aprecio a solidão.

— A sério?

— Que raio de pergunta é essa? — questionou Kalona, voltando a talhar o pau.

— É uma pergunta sincera. E gostaria de obter uma resposta sincera.

— Não vou alinhar no teu jogo. O que é que verdadeiramente queres? E porque é que não estás com a Nyx? De certeza que já está com saudades.

— PARA COM ISSO! — As palavras explodiram na boca de Erebus.

Kalona ergueu os olhos do que estava a talhar, com um meio sorriso a dançar nos cantos dos seus lábios grossos.

— Tem cuidado. Isso soou a zangado. Pensei que não conseguias zangar-te.

Erebus passou a mão pelo seu comprido cabelo louro e suspirou.

— Consigo zangar-me. Só tento evitá-lo.

— Porquê?

— Podia despejar uma série de chavões, tipo, «a irritação não leva a lado nenhum», ou «a irritação não é a escolha mais acertada», mas hoje estou a falar com toda a sinceridade e a verdade é que estar zangado não é divertido. — Erebus encolheu os ombros e deu uma risadinha. — Acho que até agora nunca tinha admitido isso a mim mesmo.

— Hum. Não era a razão com que estava a contar — disse Kalona.

— Bem, é a verdade. Agora, é a tua vez. Diz-me o que te leva a adorar tanto a raiva.

Erebus esperou, embora não acreditasse que o irmão lhe respondesse, pelo que ficou agradavelmente surpreendido quando Kalona falou.

— Eu não adoro a raiva.

— Mas por norma estás irritado.

— Mas não porque queira.

Erebus inclinou-se para a frente e entrelaçou os dedos enquanto fitava o irmão nos olhos.

— *Então, para de optar por isso!*

— Achas que não tentei? Não quero isto... estes ciúmes sem fim e uma raiva ardente e inflamada. Quero escolher a Nyx... escolher-nos a nós. Mas parece que não consigo aguentar a escolha... a felicidade. Basta olhar para ti... pensar em vocês os dois, juntos e abraçados... — Kalona cerrou os maxilares e desviou o olhar de Erebus. — E o ciúme insinua-se e depois a ira. Às vezes, sinto como se faltasse algo dentro de mim.

— É interessante ouvir-te dizer isso. Recentemente, tenho andado a pensar o mesmo e posso ter a solução, mas primeiro quero que saibas algo.

— Se ficar aqui sentado a ouvir, depois vais-te embora?

— Espero que se fiques aí sentado a ouvir com atenção, depois não queiras que eu me vá embora.

Kalona resfolegou.

— Não é provável, mas diz lá.

Erebus fixou o olhar no do irmão.

— A noite do teste do espírito em que deste com a Nyx nos meus braços e depois...

— Jurámos nunca falar desse assunto!

— Então, respeita a tua promessa. Não fales. Limita-te a ouvir.

— Espera. — Kalona pousou a seta meio afiada e concentrou toda a sua atenção no irmão. — Vais mesmo quebrar o teu juramento à Nyx?

— Vou.

— Mas se a Deusa descobrir, não vai confiar em ti como confia agora — frisou Kalona.

— Sim, eu tenho a noção disso.

— Então, porque é que me dás o poder de prejudicar a tua relação com a Nyx?

— Porque não posso passar o resto da eternidade a ver-te e à Deusa a destroçarem o coração um ao outro, em especial não havendo razão para isso. Ora bem, és capaz de ouvir o que tenho para te dizer?

Kalona assentiu vagarosamente e Erebus percebeu que, pela primeira vez em muito tempo, o seu irmão estava verdadeiramente a escutá-lo, pelo que prosseguiu.

— Antes do teste do espírito e da morte horrível da donzela, antes de a

Nyx lhe ter inspirado vida e lhe ter chamado vampyra, quando apareceste e nos estávamos a rir nos braços um do outro enquanto ela me contava como a fazias feliz... *a razão para ela se sentir tão feliz era por estarmos a falar de ti e do amor que ela sentia por ti.*

— O quê? Isso não pode ser verdade. Ela estava na tua cama.

Erebus riu-se.

— Ela estava comigo ao lado de um géiser, a fingir que não se importava com o mau cheiro. Eu estava a mostrar-lhe uma ninhada de gatinhos selvagens que tinha encontrado.

Kalona resfolegou.

— Tu e esses malditos gatos.

— Não sou eu e esses malditos gatos. É a Nyx. Adora-os e eu gosto de a ver sorrir, e não por sermos amantes. É por sermos *amigos*. Naquele dia ela contava-me como lhe era difícil estar longe de ti, mas que queria dar-te tempo para te preparares para o último teste para finalmente poderes juntar-te a ela no Outro Mundo.

— Ela disse isso? A sério?

— Sim, a sério. Também me contou que se sentia triste por nunca a chamares, mas que compreendia por estares ocupado a preparar-te para o teste.

— Mas eu chamei-a. Montes de vezes! — Kalona ergueu-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Isso é estranho, meu irmão. Sei que a Nyx viria se a chamasses. Admitiu que estava à *espera* de que a chamasses... *na esperança* de que a chamasses. Mandou a criadita dela, a Lota, para ficar junto a ti para que tivesses uma forma de a contactar.

— É claro! Devia ter percebido que se passava algo de errado com aquela maldita *skeeaed*! Em especial depois de o velho xamá a ter matado... ou lá o que lhe fez. Ele disse-me que ela... — O imortal alado fez uma pausa, pensando no que se passara. — Disse que era um demónio alinhado com a Escuridão.

— Então, foi isso que aconteceu à fada. Porque é que não disseste nada sobre o assunto, em especial quando a Nyx questionou a ausência dela? — perguntou Erebus.

— Tinha as minhas razões! — respondeu de pronto Kalona.

— Muito bem. — Erebus ergueu as mãos em sinal de rendição. — Guarda lá os teus segredos, mas devias perguntar à Nyx se a *skeeaed* alguma vez revelou a tua mensagem para ela. Apostaria as minhas asas douradas que a Deusa te responde que não.

— E se eu perguntar à Nyx se tu e ela naquele dia foram amantes?

— Estarias a quebrar o juramento de nunca falar do assunto, por isso vou responder-te. Meu irmão, eu e a Nyx *nunca* fomos amantes.

Kalona franziu o sobrolho e abriu a boca para falar, mas Erebus deteve-o.

— Não. Deixa-me contar-te exatamente o que disse à Nyx quando ela me perguntou, naquele mesmo dia, se alguma vez senti ciúmes por vocês serem amantes, e eu e ela não. Respondi-lhe claramente que teria todo o gosto em ir para o leito dela se ela me desejasse, mas que não sinto qualquer necessidade ardente de que seja minha amante. Desejo apenas a felicidade dela e acreditava na altura, e agora, que seria mais feliz *contigo* ao seu lado para a eternidade, meu irmão. *Tu* enquanto amante e enquanto guerreiro. E não eu. Esse não é o meu destino. E foi então que ela me abraçou e me disse que eu a fazia muito feliz. *Tudo por reconhecer a adoração dela por ti.*

Kalona pestanejou como se tentasse clarear a visão e, por um instante, Erebus viu lágrimas a acumularem-se nos olhos ambarinos do irmão.

— É a mim que ela ama com desejo.

— Sim, é, mas estás a estragar tudo.

Os olhos de Kalona brilharam.

— Então, parte! Vai para a Terra e deixa-me passar a eternidade com a minha Deusa!

— E achas que isso deixaria a Nyx feliz? Ela também me ama! Não como a ti, mas eu e ela somos amigos, companheiros, colegas de brincadeira. Não consegues encontrar dentro de ti uma forma de partilhares uma pequena porção que seja do seu amor por mim?

Ao ouvir aquilo, o tom de Kalona suavizou e Erebus apercebeu-se do desespero no seu olhar.

— Eu quero fazê-lo. A sério que sim. Mas não sei como combater os pensamentos sombrios que há dentro de mim. Meu irmão, eu sinto-o. Mesmo agora, mesmo depois de me teres dito que as minhas ideias não tinham sustentação, ainda sinto os ciúmes a germinar, à espera de ferverem até se transformarem em fúria. — Os ombros largos de Kalona abateram-se e abanou a cabeça. — Eu é que devo partir... não tu. Mais vale pegar na minha ira ciumenta e refugiar-me na Terra.

Erebus aproximou-se do irmão e parou diante dele.

— Se pudesses concretizar o que te vai no coração, o que seria?

— Que eu e a Nyx passássemos a eternidade juntos, claro — respondeu. Vendo que Erebus nada dizia, Kalona suspirou e acrescentou: — E gostaria de

subjugar os meus ciúmes. Gostaria de saber como é sentir como te sentes... alegre, livre, brincalhão, *feliz*.

— Sem eu partir do Outro Mundo?

— Se conseguisse vergar os meus ciúmes, não haveria motivos para partires. E tu tens razão. A Nyx ficaria triste se o companheiro de brincadeiras dela partisse — gracejou Kalona, secamente.

— Bem, então, nesse caso posso ajudar-te — disse Erebus.

— Como?

— Para subjugares os ciúmes e a ira necessitas apenas de alegria.

— Fantástico. Como se isso para mim fosse novidade. Já te disse. *Tentei*, mas para mim sentir-me alegre é como transportar água com uma peneira. Escorre sempre — disse Kalona, pesaroso.

— Acho que isso acontece por te faltar algo — comentou Erebus.

— Estás a tentar insultar-me?

Erebus mostrou um amplo sorriso.

— Neste momento, não. Desejo apenas dizer a verdade. Fomos criados juntos. Acho que quando a Mãe Terra e a Lua se juntaram para te fazer guerreiro e amante, se concentraram demasiado na parte do guerreiro... e, quiçá, também não acharam que fosse preciso dotar um amante de alegria.

— Porque é que um amante não necessitaria de alegria? — questionou Kalona, parecendo genuinamente curioso.

— Sendo tu amante de uma deusa, porque haverias de necessitar que te fosse *dada* alegria? Ser Consorte da Nyx por si só deveria ser alegria suficiente.

— É disso que me ando a tentar convencer há séculos e posso dizer-te que é um erro — frisou Kalona.

— Concordo. Como é que podes sentir alegria se nunca a conheceste verdadeiramente? Por isso, vamos já tratar do assunto. Hoje.

— Parece-me bem *e* impossível. Onde é que vou buscar alegria? A Mãe Terra dorme e a Lua não se mexe desde a noite em que fui criado.

— Não precisamos delas. Vou dar-te alguma da minha alegria — revelou Erebus ao irmão.

Kalona arregalou os olhos, espantado.

— Farias isso? Por mim?

— Sim.

— Mas porquê? Tratei-te tão mal.

— Por seres meu irmão. A minha família. Adoro-te e desejo o melhor para ti, assim como a nossa Deusa. — Erebus falou de modo simples e

honesto — e surpreendeu-se ao ver lágrimas a acumularem-se uma vez mais nos olhos do irmão.

— Obrigado, Erebus. Irmão. Aceito de bom grado qualquer alegria que queiras partilhar comigo.

— Isso deixa-me muito feliz! — Erebus avançou, de braços abertos, parecendo pronto a abraçar o irmão, mas Kalona franziu o sobrolho e recuou um passo. Erebus mostrou um sorriso acanhado. — Se calhar, devia esperar até experimentares a alegria para te abraçar?

— Se calhar, será melhor assim — disse Kalona.